

Da necessidade dos estudos de jornalismo

Professora do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina

Cidadão de dupla nacionalidade, portuguesa e norte-americana, Nelson Traquina, professor da Universidade Nova de Lisboa desde 1997, tem exercido crescente influência entre professores e pesquisadores de Jornalismo no Brasil. Citado em artigos acadêmicos e adotado em bibliografias de sala de aula, seu livro *O estudo do Jornalismo no século XX*, de 2001 era até agora o único publicado no país. Nesse ano de 2004, está sendo lançado *Teorias do jornalismo* (volumes I e II), obra encomendada pela Pós-Graduação em Jornalismo e Mídia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nascido em Springfield, Massachussets, numa colônia de trabalhadores imigrantes, Traquina é licenciado e mestre em Política Internacional nos Estados Unidos; formado em Jornalismo pelo Institut Français de Presse e doutorado pela René Descartes de Paris em Sociologia, com um estudo sobre as agências internacionais de informação. Como jornalista havia sido correspondente em Lisboa da United Press International e também da UPI News Television e do Daily Telegraph, no período pós-revolucionário

em meados dos anos 70, quando Portugal ocupava lugar de destaque no noticiário mundial. Após o doutorado, tornou-se professor do primeiro curso de Comunicação Social de Portugal – fundando em 1979 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Há sete anos preside o Centro de Investigação Media e Jornalismo, com sede na cidade de Cascais, que publica desde 2002 a revista acadêmica *Media e Jornalismo*. Quando esteve em Florianópolis, Santa Catarina, como conferencista da abertura do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, em abril de 2004, Nelson Traquina concedeu essa entrevista à professora Gislene Silva. O pesquisador fala aqui da demarcação do campo teórico do Jornalismo, da negatividade como um dos valores-notícia, de sua tese de que a comunidade jornalística é transnacional, de seu trabalho sobre *Jornalismo Cívico* e ainda comenta a cobertura jornalística norte-americana das guerras no Afeganistão e Iraque.

Gislene Silva: Em seu livro lançado este ano no Brasil, *Teorias do Jornalismo*: porque as notícias são como são (volume I), o senhor parte do conceito de campo de Pierre Bourdieu. Podemos dizer que a sistematização de teorias no estudo do jornalismo publicada por vários pesquisadores portugueses é um esforço de delimitação e legitimação do campo dentro da grande área da Comunicação?

Nelson Traquina: A minha preocupação é de compreender as notícias. Há um campo específico, o campo jornalístico; específico em relação ao campo midiático, que vai para além das notícias. O foco das análises são as notícias. Mas pode se mobilizar de diversas maneiras, de diversos quadrantes, como partir da economia, da história etc. para compreender as notícias. Mas é um objeto que eu acho melhor compreendido especificando-se esse campo próprio que é o campo jornalístico.

GS: O que essa sistematização traz de novo é uma aplicação das teorias da Comunicação no campo do Jornalismo? O objeto é que seria mais específico ou nós temos mesmo novas teorias?

NT: A verdade é que o Jornalismo apareceu nas universidades antes da Comunicação. E muitas das teorias que existem

“A minha preocupação é de compreender as notícias. Há um campo específico, o campo jornalístico; específico em relação ao campo midiático, que vai para além das notícias. O foco das análises são as notícias.”

são do Jornalismo, não vêm da Comunicação. Muitas pessoas que pensaram a questão do Jornalismo não eram pessoas da Comunicação. Eram das Ciências Políticas, da Economia, de muitas áreas diferentes. Há muitos estudos sobre o Jornalismo, e uma parte importante desses estudos tem pouco a ver com pessoas da Comunicação. Tentando perceber porque as notícias são como são, pude impetrar esta investigação, tentar identificar que tipos de “teorias” (porque muitas vezes não vão dar em teorias) foram propostas para compreender os fatores que explicam porque as notícias são como são.

GS: Do ponto de vista da estrutura académica, o Jornalismo no seu país é vinculado às Ciências Sociais?

NT: No caso de minha escola, a Universidade Nova de Lisboa, está certamente vinculado às Ciências Sociais. Não posso falar por todos os cursos. Há abordagens diferentes, mas em geral penso ser consensual que o Jornalismo pertence às Ciências Sociais.

GS: No seu livro, o senhor discute a questão da autonomia relativa do jornalista. Pode-se dizer que essa autonomia relativa da profissão jornalística se reproduz na produção académica sobre o Jornalismo?

NT: A autonomia é sempre relativa. Penso ser utópico pensar que há autonomia total.

Eu acho que os jornalistas têm uma autonomia relativa. Certamente, o Jornalismo é condicionado por uma série de fatores, mas acho extremamente difícil controlar completamente o trabalho jornalístico.

GS: O senhor faz questão de frisar a pluralidade quando nomeia 'teorias' do Jornalismo. Por que essa ênfase?

NT: É uma constatação empírica. Há diferentes abordagens, há diferentes explicações sobre o Jornalismo e, em alguns casos, são antagônicas. Há muitas divergências. É preciso estudar as divergências, tentar investigar os pontos de disputa e, eventualmente, procurar investigar para compreender melhor esses pontos de divergência. Mas, ao mesmo tempo, e acho que às vezes a comunidade acadêmica não dá suficiente importância a isto, investigar os pontos de consensos. Investigar pontos de consenso sempre com o objetivo de estimular o enquadramento teórico mais sólido para compreender o Jornalismo.

GS: E, no que diz respeito aos conceitos fundamentais para as Teorias do Jornalismo, o retorno das discussões sobre objetividade jornalística se mostra pertinente?

NT: Penso que muita gente discute a objetividade sem conhecimento histórico sobre o conceito. Porque objetividade não

“Penso que muita gente discute a objetividade sem conhecimento histórico sobre o conceito. Porque objetividade não é negação da subjetividade.”

é negação da subjetividade. A objetividade surgiu no Jornalismo precisamente quando se chegou à conclusão de que não era possível escapar da objetividade. No entanto, a objetividade é uma noção importante para outra variável que é a credibilidade.

GS: O senhor não acha que a relação dos jornalistas com as fontes tem sido pouco pesquisada nos estudos de Jornalismo? Esse não seria um tema de fronteira para se pensar o Jornalismo hoje?

NT: Tem havido muito mais trabalhos sobre Jornalismo, sobretudo a partir dos anos 80. Penso que não é uma questão tão ignorada como foi, e certamente é uma questão de grande complexidade. Ainda há trabalhos que estão por serem feitos no diz respeito à relação dos jornalistas com as fontes, especialmente a partir do trabalho do britânico Philip Schlesinger. Certamente é um campo que vai ser objeto de maiores estudos.

GS: E em relação à máxima de que notícia ruim é que é notícia boa ou que notícia boa não é notícia? Precisariamos pesquisar e estudar melhor como e por que o Jornalismo se alimenta do negativo, de notícias ruins?

NT: Certamente. Sobre critérios de noticiabilidade, um aspecto fundamental do trabalho jornalístico, tem havido traba-

lhos, sobretudo a partir do artigo de Galtung e Ruge publicado em 1965. Partindo dos critérios de noticiabilidade – o que é notícia e o que não é notícia – é difícil escapar à conclusão de que existe negativismo; creio que é humano. Por exemplo, você vai à praia, levando a toalha e passa o dia ao sol. Volta pra casa e qual é a notícia? Agora, se for à praia, estender a toalha e encontrar um moribundo, tenho certeza de que, quando voltar para casa, vai dizer a todo mundo que encontrou um moribundo quando foi estender a toalha. Se volta para casa e está tudo normal, então não há notícia. Mas se vai para casa e descobre que alguém assaltou a casa, com certeza você conversa com seu marido, com seus pais para dizer que foi assaltado. Portanto, é preciso ensinar aos futuros jornalistas quais são os critérios de noticiabilidade que existem no trabalho jornalístico. Diversos estudos têm demonstrado que muitas vezes os jornalistas têm dificuldade em exprimir quais são os critérios de noticiabilidade; isso porque é uma noção quase instintiva em seu trabalho, porque os jornalistas têm pouco tempo para refletir sobre sua profissão.

Estudar os valores-notícia, entendendo quais são os critérios de noticiabilidade, é importante para alertar os alunos quan-

“Estudar os valores-notícia, entendendo quais são os critérios de noticiabilidade, é importante para alertar os alunos quanto aos efeitos perversos dos valores-notícia; para não transformar o Jornalismo em uma seqüência sem fim de negativismo.”

to aos efeitos perversos dos valores-notícia; para não transformar o Jornalismo em uma seqüência sem fim de negativismo. É importante introduzir no trabalho jornalístico as notícias positivas. Há também coisas positivas que estão acontecendo e isso também é notícia, porque o que não se torna notícia não existe para o público. Evidentemente, um jornal só com boas notícias terá pouca durabilidade. Mas acho importante que os jornalistas, conscientes dos valores-notícia, façam um esforço para fornecer ao público também notícias positivas, até para não criar esse fenômeno social de desligar-se do Jornalismo, desligar-se do telejornal pela razão de estar farto de más notícias. Como cidadão, tenho ouvido, em conversas diversas, muitas reclamações desse tipo. De fato, sistematicamente meia hora só de desgraças pode levar ao afastamento do público. Com certeza, não é possível ignorar as más notícias, mas deve haver um esforço para também ter algumas notícias positivas, sobre ações que estão sendo feitas por diversos setores da sociedade, e assim dá existência pública a essas ações.

GS: Tem-se discutido com freqüência que o Jornalismo está se tornando muito declaratório. Por que, em sua avaliação, atualmente a cobertura jornalística está tão ba-

seada em declarações?

NT: O Jornalismo tem que lidar com fatos e tem que ser discurso sobre o referendo, sobre o que aconteceu; e ainda tem que ver de maneira clara a separação entre fato e ficção. Ainda mais quando percebemos hoje em dia que há um pouco de invenções ou ficção no jornalismo. E isso só pode ter como efeito acrescentar a desconfiança do público em relação ao Jornalismo.

GS: O jornalismo impresso, diário, não caminhará para um estilo de jornalismo de revista, mais interpretativo, por conta talvez da presença da internet, que o obriga a um aprofundamento maior?

NT: Penso que um segmento do público procura essa interpretação. Um bom modelo é diversificar fatos com certas análises. E o jornalista pode ser a pessoa com competência para fazer análises profissionais; o que é cada vez mais importante quando vivemos em um mundo cada vez mais complicado, em que as pessoas não têm tempo de organizar tudo, compreender tudo e estão dependentes desses mediadores que são os jornalistas. O surgimento de um novo meio, a internet, que tem suas qualidades e seus defeitos, certamente é um complemento. E assim, com

“O surgimento de um novo meio, a internet, que tem suas qualidades e seus defeitos, certamente é um complemento. E assim, com esse complemento, eventualmente terá que haver uma adaptação.”

esse complemento, eventualmente terá que haver uma adaptação. Um meio tradicional como o jornal deverá fazer análise como forma de conseguir manter um público.

GS: Na introdução desse seu último livro, o senhor faz referência a um estudo comparativo entre comunidades jornalísticas de alguns países – estudo abordado no volume II, de Teorias do Jornalismo. O senhor poderia adiantar dados relevantes dessa investigação comparativa?

NT: Enquanto o volume I é uma sociologia do jornalismo, com destaque para as Teorias do Jornalismo, o volume dois é uma sociologia dos jornalistas. A hipótese teórica é de que os jornalistas fazem parte de uma comunidade transnacional. E, para testar essa hipótese teórica, utilizei duas abordagens. Uma análise comparativa da maneira como uma problemática, a Aids, foi notícia em cinco jornais diferentes localizados em quatro países: dois jornais de Portugal, um jornal da Espanha, um jornal do Brasil – a Folha de S. Paulo – e um jornal dos Estados Unidos – o New York Times. Foi uma abordagem feita durante três meses sobre tudo o que se publicou a respeito da Aids. Por que Aids é notícia? Quais pontos de diferença ou pontos de consenso entre essas abordagens jornalísticas? Essa foi uma metodologia. A

outra foi baseada no estudo realizado pelo professor Thomas Patterson e o professor Wolfgang Donsbach, da Alemanha: um estudo comparativo e interpretativo das comunidades jornalísticas em seus países, a partir de inquéritos. Tive acesso a esse estudo e vi quais eram os valores, quais eram as atitudes que os jornalistas desses países tinham em relação a sua profissão.

E a conclusão foi que havia apoio, através das duas metodologias, à tese de que a comunidade jornalística é uma comunidade transnacional, ou seja, há enormes consensos entre os membros das diferentes comunidades sobre o que é Jornalismo, quais são os valores que os jornalistas devem ter etc. Não tenho o porquê, que é algo complicado, mas há dez, doze quadros que atestam pontos de consenso. Como o de que o fator tempo é imprescindível para o Jornalismo ou, no caso específico da Aids e da cobertura do escândalo do sangue contaminado na Alemanha, o fato de que todos os jornalistas, seja qual for o país, gostam dos escândalos. Escândalo é um dos seus petiscos favoritos.

GS: Na Universidade Nova de Lisboa, onde o senhor leciona, quais têm sido as principais linhas de pesquisa nos estudos de Jornalismo?

NT: Não são assim tantas as pessoas

“a comunidade jornalística é uma comunidade transnacional, ou seja, há enormes consensos entre os membros das diferentes comunidades sobre o que é Jornalismo, quais são os valores que os jornalistas devem ter etc.”

que estão trabalhando com Jornalismo. Nosso departamento tem vinte professores doutores, mas apenas dois ou três trabalham na área de Jornalismo, porque nosso departamento é de Comunicação.

GS: O tema Jornalismo Cívico – que inclusive foi pauta do último número da Coleção Mídia e Jornalismo, publicada em seu país e da qual o senhor é um dos organizadores – ressalta no exercício do Jornalismo a função de melhorar a vida pública, reforçar a cidadania, para além do seu papel de dar notícias. Por que se faz necessário discutir hoje, sob novos nomes, esse fundamento tão clássico do Jornalismo?

NT: O Jornalismo Cívico é um movimento de jornalistas norte-americanos que nasceu depois da eleição presidencial de 1988, com alguns jornalistas que estavam frustrados e insatisfeitos com o trabalho que foi feito na cobertura dessa campanha eleitoral. Este movimento tem vários nomes: Jornalismo Público, Jornalismo Cívico, Jornalismo Comunitário. Nasceu dentro da comunidade jornalística, mas depois teve apoios de alguns elementos da comunidade acadêmica. Dois nomes – Davis Merritt, que é jornalista, e Jay Rosen, que é acadêmico – lideraram esse movimento, que tem duas variantes principais.

Em primeiro lugar, a crítica do Jornalismo existente, principalmente a dependência do Jornalismo das fontes oficiais e, devido a essa dependência, a falta de ouvir os cidadãos e as suas preocupações. A outra variante é o desejo de que o Jornalismo se afirme também como força mobilizadora de uma solução para a crise da democracia. Ao atuar na revitalização da democracia, o Jornalismo deveria mobilizar os cidadãos para eventualmente resolver problemas que existem na comunidade. E, nessa vertente, há uma crítica muito forte quanto à objetividade.

A minha posição é que o Jornalismo Cívico poderá ter uma enorme contribuição se o objetivo é reformular o Jornalismo. Mas penso que terá efeitos negativos se o objetivo for revolucionar o Jornalismo. Não concordo com o Jornalismo Cívico quando defende a posição de que só o Jornalismo pode salvar a democracia. A democracia é de responsabilidade de muitas instituições diferentes, e não apenas do Jornalismo. Há outras instituições, a começar com os pais, e depois as escolas, os partidos políticos etc. É difícil, senão impossível, desligar o Jornalismo do conceito de objetividade, porque isso está ligado à credibilidade do Jornalismo, e um Jornalismo sem credibilidade não vai longe.

“A minha posição é que o Jornalismo Cívico poderá ter uma enorme contribuição se o objetivo for reformular o Jornalismo. (...) Não concordo com o Jornalismo Cívico quando defende a posição de que só o Jornalismo pode salvar a democracia.”

No entanto, o Jornalismo Cívico é importante quando critica as práticas existentes, denuncia a enorme dependência das fontes oficiais e incita o Jornalismo a ouvir os cidadãos. Penso que o Jornalismo deve ouvir mais os cidadãos e até mudar as suas coberturas em função ou pelo menos tendo em consideração as preocupações dos cidadãos e não seguir apenas a agenda dos políticos.

Além disso, o Jornalismo não deve esquecer o fato de que o leitor é também um cidadão. Os jornalistas, as empresas jornalísticas não podem ver no leitor, no espectador, no ouvinte apenas um consumidor. Um dos problemas atuais é o fato de que, para muitas empresas, o Jornalismo é apenas um negócio. E, sendo apenas um negócio, o único interesse é o lucro. Se vamos apontar as responsabilidades sociais dos jornalistas também devemos acrescentar as responsabilidades sociais dos donos das empresas jornalísticas, das empresas midiáticas. Seria bom recordar a esse segmento suas responsabilidades sociais porque há dados empíricos que demonstram, claramente, que há uma crescente desconfiança do público em relação ao Jornalismo. Um número crescente de pessoas pensa que o Jornalismo é um negócio, interessado apenas em vender um produto, e não em ser um serviço à população.

GS: E como o Departamento de Comunicação da Universidade Nova de Lisboa equaciona, no currículo de Jornalismo, a formação técnica e a formação em conteúdos abrangentes?

NT: Há um tronco comum de cadeiras obrigatórias que devem fornecer a formação sólida nas Ciências Sociais e Humanas, incluindo História, Economia, Sociologia da Comunicação, Semiologia, Teoria da Comunicação, nas quais os alunos estudam pragmática, retórica, argumentação. Temos História da Mídia, embora não exista como cadeira obrigatória, e isso é controverso, nenhuma cadeira de História Contemporânea.

Tudo isso faz parte das cadeiras obrigatórias que todos os alunos vão fazer nesses primeiros dois anos, antes de escolher a sua área de especialização. No início do terceiro ano, o estudante escolhe uma das cinco áreas de especialização: Jornalismo; Comunicação Empresarial, que é Publicidade e Relações Públicas; Televisão e Multimídia; Cinema; e Comunicação e Cultura. Dentro do Jornalismo há, já no tronco comum, uma cadeira teórica sobre Jornalismo, e depois, as obrigatórias da especialização, como especificamente sobre o jornalismo radiofônico e televi-

“...o Jornalismo não deve esquecer o fato de que o leitor é também um cidadão. Os jornalistas, as empresas jornalísticas não podem ver no leitor, no espectador, no ouvinte apenas um consumidor.”

sivo, sobre o jornalismo de imprensa, uma de análise jornalística, e uma outra como se estivessem em uma redação. Há também como opção uma cadeira em ciberjornalismo.

GS: O senhor nasceu nos Estados Unidos e vive em Portugal. Como o senhor vê, a partir dessa dupla cidadania intelectual e cultural, a cobertura jornalística que a imprensa norte-americana fez e tem feito das guerras no Afeganistão e no Iraque?

NT: Certamente é preciso compreender como o Jornalismo funciona. Os jornalistas precisam de fontes de informação, e o acesso que as fontes de informação têm no Jornalismo não é igual. Comparando, por exemplo, a cobertura jornalística norte-americana e a cobertura britânica da questão das armas de destruição em massa, pode-se ver a enorme dependência que os jornalistas norte-americanos têm em relação às fontes de informação. Há maior pluralismo na cobertura jornalística britânica; a divulgação do ponto de vista contrário à intervenção norte-americana no Iraque é muito maior na imprensa britânica que na imprensa norte-americana. Há na mídia norte-americana pouca oposição à intervenção. A administração Bush monopolizou o acesso ao campo jornalístico. Os jornalistas

ficaram dependentes das fontes. Houve manifestações contra a intervenção, mas talvez não houve tantas ou tão grandes quanto poderia ter havido. Membros da elite que eventualmente hoje discordam mais da política norte-americana não exprimiram tanto essa oposição no momento anterior à tomada de decisão para intervir no Oriente Médio.

A culpa é dos jornalistas? Penso que em parte sim, mas em grande parte não. Os jornalistas foram advogados de causas e esqueceram-se da histórica objetividade e do distanciamento. No entanto, é fácil criticar os outros, mas quando é em causa própria às vezes os comportamentos demonstram as mesmas patologias. E isso se verifica bastante no jornalismo português. Critica-se o Jornalismo norte-americano, seu patriotismo etc, mas na questão de Timor Leste, lá vão os jornalistas à frente, na vanguarda, na defesa de certas posições, sem questionar. Esquecendo-se de outras posições. Só citei o exemplo do Timor porque é típico. Por exemplo, no último Campeonato Mundial, na Coreia, em que Portugal fez uma apresentação péssima. Antes de ser eliminado: “Portugal! Portugal! Portugal!”. No Jornalismo! Quando estão indignados é que vão dizer “mas este futebol?”, “mas que problema...”

“A culpa é dos jornalistas? Penso que em parte sim, mas em grande parte não. Os jornalistas foram advogados de causas e esqueceram-se da histórica objetividade e do distanciamento.”

Vestiram a camisa! Na cobertura da seleção nacional é tudo melhor, tudo melhor. Não questionam. Se eles são assim em relação ao futebol, como seriam em relação à guerra? Qual seria o comportamento dos jornalistas portugueses se Portugal estivesse envolvido numa guerra? Serão capazes de ter o distanciamento que exigem dos jornalistas norte-americanos? Não teriam tanto patriotismo? Tenho minhas dúvidas.